

Nas tramas da cidade: um percurso de reflexão e pesquisa acerca da cultura material das cidades brasileiras

Mirza Maria Baffi Pellicciotta



Historiadora. Mestre em História Social. Prefeitura Municipal de Campinas. Campinas [SP], Brasil.
<mirzapellicciotta@yahoo.com.br>

Artigo originalmente publicado em 2007, pela Revista Labor & Engenho, ISSN:1891-1152, em papel.

Resumo

A vida nas cidades brasileiras carrega singularidades que, em grande medida, se originam das singularidades da população brasileira. Submersas em um contexto amplamente identificado como de "terceiro mundo", nossas cidades testemunham a vitalidade de uma sociedade diversa (em sua composição étnica) e desigual (em sua estruturação social), de grande riqueza cultural, mas também de profundas adversidades oriundas da condição de pobreza. No Brasil, o fenômeno de urbanização comumente associado à modernização e desenvolvimento econômico, social e cultural, fez-se acompanhar por uma trajetória dramática de fraturas e desenraizamentos de grandes contingentes populacionais que, pouco a pouco, viram-se transformar em uma massa urbana de cidadãos anônimos. Este artigo apresenta uma reflexão sobre as tramas que se formam neste contexto.

Palavras-chave

Urbanização brasileira, cidade e sociedade, cidade e turismo.

Wefts in the city: a journey of reflection and research about material culture in the Brazilian cities

Abstract

Life in Brazilian cities carries singularities that, in most cases, are originated from Brazilian people singularities. Submerged in a context widely identified as "third world", our cities bear witness to vitality of a heterogeneous society (in its ethnic composition, and its social structure), of great cultural wealth, but also of profound adversity arising from poverty. The Brazilian urbanization was carried by a dramatic trajectory of fractures and uprooting focusing on great population contingents who, gradually, were transformed into an urban citizen mass. This paper shows a thinking about the wefts in this context.

Key-words

Brazilian urbanization, city and society, city and tourism.

Introdução

A vida nas cidades brasileiras carrega singularidades que, em grande medida, se originam das singularidades da população brasileira.

Submersas em um contexto amplamente identificado como de “terceiro mundo”, nossas cidades testemunham a vitalidade de uma sociedade diversa (em sua composição étnica) e desigual (em sua estruturação social), de grande riqueza cultural, mas também de profundas adversidades oriundas da condição de pobreza.

As particularidades das cidades brasileiras começam por sua juventude: o fenômeno de intensificação da urbanização (de médio e grande porte) no Brasil data dos anos 1940, período no qual cerca de 70% da população ainda vivia em áreas rurais ou em pequenas cidades espalhadas pelo território, registrando-se neste período a concentração do primeiro um milhão de habitantes na cidade de São Paulo.

Nas décadas seguintes, a população urbana passaria a se adensar e a experimentar uma significativa transformação social e cultural, encontrando-se registrado em um vasto número de obras literárias e artísticas, relatos dramáticos do contato entre migrantes e a “cidade grande”, um universo de valores, referências, hábitos e formas de vida até então desconhecidos e que, em pouco tempo, se revelariam refratários aos saberes “interioranos” e “sertanejos” deste país não urbanizado.

No Brasil, o fenômeno de urbanização comumente associado à modernização e desenvolvimento econômico, social e cultural, fez-se acompanhar por uma trajetória dramática de fraturas e desenraizamentos de grandes contingentes populacionais que, pouco a pouco, viram-se transformar em uma massa urbana de *cidadãos anônimos*.

O mundo urbano pelo viés social

[...] alguém cantando longe daqui; alguém cantando ao longe, longe; alguém cantando muito; alguém cantando bem; alguém cantando é bom de se ouvir [...]
(Caetano Veloso)

O processo acelerado de urbanização no Brasil, a partir da década de 1940, traduziu-se em uma experiência de urbanidade singular e marcante; as cidades brasileiras transformaram-se em verdadeiros espaços de encontros e desencontros de uma cultura diversa em transformação. Inúmeras levas de migrantes, oriundas dos mais variados espaços interioranos, com seus repertórios culturais específicos, deixaram a terra e os pequenos povoados para se fixar na “cidade grande”, enfrentando ali novos desafios de sobrevivência, entre eles, a fragmentação e

transformação de seus próprios referenciais e valores culturais. Mas essa presença também exerceu uma contínua e permanente interferência na definição dos padrões e dinâmicas da cidade, ganhando forma uma urbanidade particular e complexa.

Estudar o fenômeno de urbanização no Brasil exige desvendar e conhecer estes percursos de desenraizamento e migração que nas últimas décadas venceram a distância entre campo e cidade; mais do que isso, trata-se de resgatar e compreender – na contramão de seu “ocultamento” – os significados deste processo, presente em meio ao complexo conjunto de saberes, relações, projetos e intervenções que, em espaço e tempo específicos, deram origem à cultura material e imaterial de nossas cidades.

Em um país no qual se faz recorrente considerar edifícios, praças e monumentos como “protagonistas” da história das cidades (a despeito das populações mantidas no anonimato), o que pode significar resgatar o mundo urbano através de seus reais construtores? De fato, a construção de um projeto voltado para recompor elementos de *memória social* na ou da cidade, busca, antes de tudo, lançar um outro olhar sobre o mundo urbano através de um processo contínuo de *reconhecimento e desvendamento* de seus testemunhos e representações sociais, culturais e ambientais para, através deles, resgatar *marcas individuais coletivas* da mesma construção. Por outro lado, elucidar estas marcas permite-nos reforçar as *possibilidades* da experiência urbana frente às trajetórias de perdas e recomeços, de interferências e conquistas, vividas por uma imensa população em trânsito, podendo-se afirmar que a inexistência de referências claras desses processos ofusca e afasta os atores sociais da percepção de sua própria obra histórica, agravando os mecanismos de exclusão social que também operam na da memória coletiva ou através dela.

Em prol do desvendamento das ações sociais

“[...] alguém cantando alguma canção; a voz de alguém nessa imensidão; a voz de alguém que canta; a voz de um certo alguém; que canta como que pra ninguém [...]” (Caetano Veloso).

Para estudar, refletir e compreender a *produção social* do espaço urbano necessitamos de ferramentas de pesquisa suficientemente sensíveis para *identificar* e *articular* as diferentes maneiras de trabalhar, habitar, alimentar-se, vestir-se, rememorar e atribuir sentido ao mundo, ferramentas que se acham presentes em meio aos repertórios, tradições e saberes das populações urbanas.

Neste breve relato, procuraremos descrever uma trajetória específica de reflexão e pesquisa sobre a cultura material das cidades brasileiras que, ao longo de vários anos, ganhou forma; trajetória que se foi definindo com o estudo e percepção das singularidades da cultura material do mundo urbano, ou ainda, que nasceu da necessidade de propor instrumentos e metodologias capazes de recolher, sistematizar e analisar referências acerca dos caminhos contraditórios e dinâmicos

da própria formação e transformação das cidades. Essa proposta deveria ainda se mostrar atenta às *camadas de tempo* e às *dinâmicas de sobreposição, intercalação e ruptura* dos processos históricos.

Os fundamentos dessa metodologia de investigação foram ganhando forma através de uma sucessão de projetos; na verdade, cada um deles ofereceu oportunidades diferentes de vislumbrar e estudar as cidades, permitindo-nos identificar fenômenos culturais, sociais, econômicos e políticos muito singulares. Nesse sentido, trabalhamos sob a ótica da formação de uma região (antigo norte de Goiás)¹, da constituição de um território mais desagregado (oeste de São Paulo)² e de uma cidade específica (Campinas)³. Percursos de investigação que nos permitiu pensar sobre o caráter histórico da *construção* das cidades, ao mesmo tempo que sobre a urgência de zelar e construir ferramentas de preservação histórica do universo urbano de novos formatos.

A cidade de Campinas, de maneira especial, abriu-nos um campo de investigação interessante em função do caráter que as pesquisas assumiram: essa cidade se configurou objeto de estudos, preservação e educação patrimonial *no interior do Departamento de Turismo da Prefeitura Municipal de Campinas*⁴. Com os trabalhos de pesquisa e análise histórica focados na região central do município, realizamos levantamentos, articulações e discussões de dados em torno de seus marcos de fundação, transformação e desenvolvimento com o objetivo de balizar um entendimento ao mesmo tempo amplo, articulado, instigante e motivador de uma trajetória de descobertas e desvendamentos da cidade pelos seus moradores e visitantes.

Formada, na atualidade, por pouco mais de um milhão de habitantes, esta malha urbana também se fez multiplicar no curso da década de 1940, concentrando grande parte de sua população em regiões cada vez mais distantes do centro urbano. Orientada pela passagem de três grandes rodovias, há várias décadas Campinas fez-se marcada pela presença de uma cidade de trabalhadores diferenciada de uma cidade urbanizada e “histórica”, perpetuando-se vários marcos de segregação cultural, social e espacial herdados do século XIX. Por outro lado, sua população instalada inicialmente nos arrabaldes, depois na periferia e agora em suas novas centralidades, permaneceu presente, compartilhando e intervindo de diferentes maneiras no mesmo centro histórico, situação que nos levou a focar a região central nos seus marcos de fundação, transformação e desenvolvimento, mas à luz das questões e desafios trazidos pela população da “nova cidade”.

¹ Desafio de pesquisa que surgiu das prospecções arqueológicas do “Projeto Peixe Angical” na região sul do Estado de Tocantins (antigo “norte de Goiás”), ocasião em que realizamos o estudo “O Alto e Médio Tocantins em tempo e espaço de transformação”. “Projeto Peixe Angical” da Empresa Documento Arqueologia e Antropologia, sob coordenação da Profa. Dra. Erika M. Robrahn-González, 2001-2002.

² Pesquisas para o “Projeto Taquaruçu-Sumaré. Linha de transmissão 440 kv”, trabalho de levantamento de subsídios históricos para prospecção arqueológica em 30 municípios do oeste do Estado de São Paulo que nos permitiu produzir o texto “Os Sertões do Paranapanema”. “Projeto Taquaruçu-Sumaré. Linha de transmissão 440 kv” da Empresa Documento Arqueologia e Antropologia, coordenado pelos arqueólogos Dra. Erika M. Robrahn-González e Ms. Paulo Eduardo Zanettini, 2000.

³ Trabalhos de concepção e implantação do Museu da Cidade de Campinas (1990-1992). Coordenação de Estudos Historiográficos do Projeto de Implantação do Museu da Cidade, da Secretaria Municipal de Campinas, entre os anos 1990-1992.

⁴ Programa “Conheça Campinas”, atividade desenvolvida inicialmente pela Secretaria Municipal de Cultura, Esportes e Turismo da PMC (entre 2002 e 2004) e mais recentemente, pela Secretaria Municipal de Comércio, Indústria, Serviços e Turismo da PMC (2005-2006).

Conhecer para preservar e reconhecer

“...a voz de alguém quando vem do coração de quem mantém toda a pureza da natureza onde não há pecado nem perdão...” (Caetano Veloso)

Esta proposta – ao mesmo tempo de estudo, preservação e educação patrimonial associada ao turismo – pretendeu, desde a origem, resgatar e problematizar a trajetória histórica de Campinas por meio da identificação, na região central, de diferentes áreas de constituição histórica (sub-regiões) e da presença de diferentes “camadas de tempo” a embaralhar seus testemunhos. Por outro lado, o programa “Conheça Campinas” também assumiu, desde o começo, o propósito de ampliar e qualificar a circulação através do reconhecimento e fortalecimento de significações e sentimentos de pertencimento à cidade por meio da construção de um *leque integrado de produtos turísticos* fundamentados em um mesmo corpo de referências, fontes e reflexões acerca da cidade. Em nosso entender, o desafio de aliar leituras aprofundadas da formação, transformação e desenvolvimento do território a conceitos e ferramentas do turismo nos permitiria *interagir* de maneira inusitada com o espaço social e, em especial, na medida em que nós conseguíssemos “jogar luz” sobre marcos e referências sociais e culturais que, apesar de obscurecidos ou dispersos no interior da cidade, tornavam-se fundamentais ao processo de apropriação dos bens simbólicos pelos seus moradores e visitantes.

Esses estudos nos levaram a resgatar do século XVIII os registros de um primeiro tempo histórico – referências que espacializamos na forma dos antigos “campinhos” (clareiras abertas na mata fechada, hoje em dia localizados em meio à malha urbana), localizando-os em meio à malha urbana. Das últimas décadas do século XVIII ao final do século XIX, resgatamos as marcas de um segundo tempo, período histórico em que atividades agrícolas extensivas associadas a uma crescente dinâmica de mercado promoveram a expansão de canaviais e depois cafezais, estabelecendo-se as marcas essenciais de vida urbana – transformações que permitiram a edificação de uma primeira malha urbana, hoje conhecido como “centro histórico”. Como terceiro tempo, buscamos identificar outro momento da transformação urbana: aquele caracterizado pela expansão das atividades agroindustriais, responsáveis, entre outros processos, pela formação dos primeiros bairros nos arrabaldes da cidade – na prática, os primeiros bairros de trabalhadores e pequenos agricultores, hoje incorporados pela malha urbana central. No quarto tempo, demarcamos a expansão urbana contemporânea que, a partir da década de 1930, assumiu uma intensa dinâmica urbana potencializada pela complexificação capitalista – território que ganharia forma orientado pelas rodovias, instalação de fábricas e criação de loteamentos urbanos muito distantes da região central da cidade.

Em conjunto com as demarcações de tempo, procuramos também nos aproximar de uma outra esfera de percepções: as impressões e representações deixadas por cronistas, viajantes, estudiosos e habitantes sobre a cidade; referências que nos

permitiram resgatar e dialogar com uma nova dimensão de significações e representações da cidade. De fato, os espaços também constituem dimensões simbólicas – dimensões permeadas por significações em transformação (ou permanência) no tempo, por testemunhos e projetos de vida revelados no espaço⁵.

Por meio da associação destes estudos com as ferramentas do turismo (mapas, placas de sinalização, informativos impressos e digitais, guias), procuramos então ampliar as formas de olhar e compreender a cidade em diferentes espaços e tempos, ou ainda, valorizar, articular e preservar marcas e testemunhos da cultura material no universo urbano. Os produtos desenvolvidos foram: um mapa turístico cultural⁶, um *site*⁷, um programa de rádio, a requalificação turística de um mirante⁸, um livro didático⁹ e um sistema de sinalização patrimonial na região central (centro histórico)¹⁰ – produtos que procuraram oferecer aos moradores e visitantes da cidade um contato diferenciado com uma ampla gama de aspectos materiais e imateriais fundamental à compreensão, identidade e valorização da história urbana, em especial, vivenciada na região central de Campinas no curso do tempo.

Os resultados desta experiência ainda estão em curso, mas um aspecto já podemos observar: a população da cidade vem incorporando seus resultados, suas referências e articulações com grande satisfação, disseminando-se os conteúdos pelos mais diversos grupos e espaços sociais. O Programa “Conheça Campinas” pertence a Campinas. As Figuras 1 e 2 apresentam um painel “MUPI” frente e verso.

⁵ No mês de outubro de 2004, o *Sistema de Sinalização Turística do Patrimônio Histórico-Cultural da Região Central de Campinas* foi aprovado com louvor pelo CONDEPACC (conselho de preservação municipal) e em novembro, o mesmo Conselho tombou seus arquivos digitais como acervo sob guarda do Museu da Imagem e do Som. O Projeto aguarda a confecção do mobiliário capaz de instala-los nas ruas e praças de Campinas

⁶ O *Mapa Turístico Cultural de Campinas* presta-se a oferecer ao morador e visitante da cidade orientações de circulação por meio das marcas históricas de constituição do território urbano. O mapa encontra-se estruturado na proposta de zoneamento patrimonial, apresentando marcas alusivas aos quatro tempos históricos e aos processos de expansão e consolidação do território; de forma associada são apresentadas referências de instituições e espaços históricos, culturais, ambientais, de lazer e entretenimento. Os moradores e visitantes da cidade encontram também no *site Conheça Campinas* (localizado no portal da Prefeitura de Campinas) e no programa de rádio *Conheça Campinas* (Rádio Educativa), dados mais específicos acerca das mesmas instituições e espaços urbanos.

⁷ “*Conheça Campinas*” encontra-se no site <www.campinas.sp.gov.br>.

⁸ O projeto Janelas da Cidade oferece visitação em um mirante – “Torre do Castelo” (caixa d’água de 22 metros, construída no início dos anos 1940 em ponto estratégico da malha urbana) – equipado com sinalização interna capaz de analisar a evolução da malha urbana e rural de Campinas (projeto de requalificação turístico-cultural em parceria com a Sanasa).

⁹ O livro *Conhecer Campinas numa Perspectiva Histórica* oferece subsídios didáticos aos professores para a realização de estudos do meio na região central da cidade. Construído por uma equipe de professores da Secretaria Municipal de Educação, as informações recolhidas pelo Programa foram retrabalhadas e ampliadas a partir de uma perspectiva educativa. A equipe que construiu e redigiu este livro foi coordenada pelo Prof. Dr. Ângelo Emílio da Silva Pessoa, contando com a participação de vários docentes da rede municipal de ensino.

¹⁰ O Sistema oferece um contato mais pleno com o corpo de referências, fontes e reflexões levantados pelo Programa. Projetado para instalar, em meio ao território urbano, um conjunto de suportes voltados a resgatar, informar, articular, propor e orientar a circulação de moradores e visitante por entre espaços tantas vezes deteriorados em seus marcos de formação, as placas componentes deste sistema buscam sensibilizar e convidar as pessoas a conhecer edificações, ambientes e costumes ainda presentes na vida urbana, considerando que a memória e a história constituem-se direito e condição primordial de acesso à cidade. Composto por 16 painéis, 4 placas intermediárias e 33 placas de monumento, este projeto foi concebido com base em um rigoroso levantamento e cruzamento de dados, identificação e seleção de fontes documentais, iconográficas e de cultura material que, em seu total, dão acesso a cerca de 300 imagens raras, a fragmentos documentais de 70 autores e a informações turísticas de mais de 150 atrativos. Confeccionados em aço, vidro e lona estampada com imagens, mapas, fragmentos documentais, textos explicativos e sugestões de circulação, os 16 painéis informativos (também chamados por nós de MUPIs – mobiliário urbano para informação) visam articular o atrativo à área envoltória que lhe confere significado, procurando fornecer dados importantes de sua constituição e transformação, além de informações específicas de outros atrativos próximos e correlatos. Em paralelo, 4 placas intermediárias buscam analisar aspectos das áreas de fronteira da malha central, enquanto 33 placas de monumento fornecem dados específicos de edificações e monumentos. A equipe que integrou o Projeto de Sinalização foi formada por: Mirza Pellicciotta (coordenação de projeto, de pesquisa histórica e da produção de textos), Eros de Marconsini e Vizel, Fabíola Rodrigues, Marcelo Moraes, Antonio Carlos Lorette, Fabiana Bruno, Marta Fontenele, Ângelo E. Silva Pessoa, Carolina Galzerani e Grupo Memória, História e Educação.

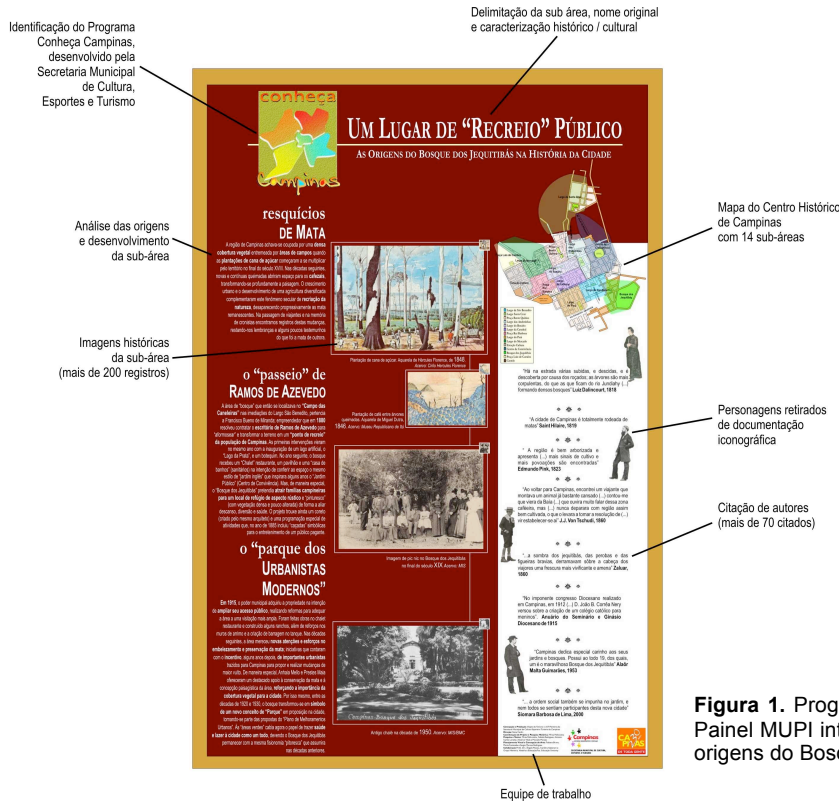


Figura 1. Programa “Conheça Campinas”. Frente de um Painel MUPI intitulado “Um Lugar de ‘Recreio’ Público: as origens do Bosque dos Jequitibás na História da Cidade”.

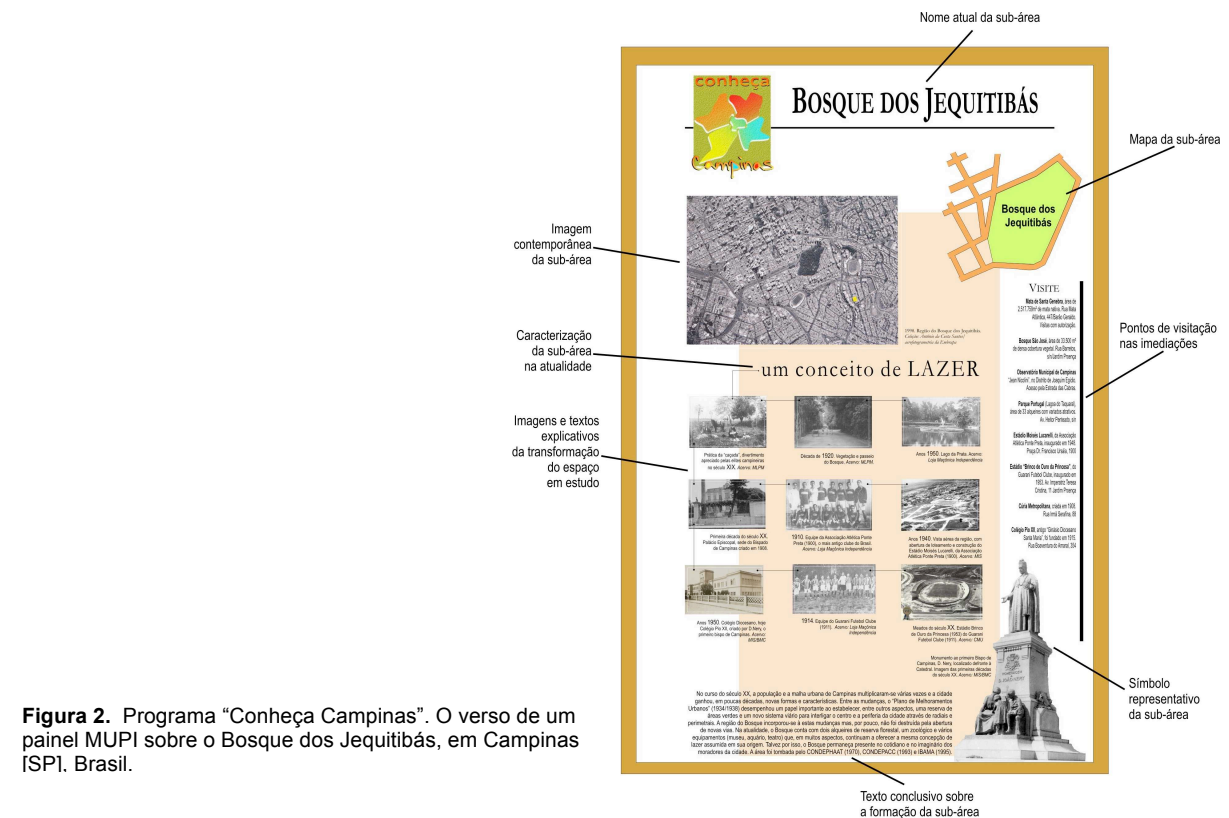


Figura 2. Programa “Conheça Campinas”. O verso de um painel MUPI sobre o Bosque dos Jequitibás, em Campinas ISPI, Brasil.